

Module 2: Disinformation, misinformation, and hate speech pt (Portuguese)

[00:00:18] Bem-vindos(as) ao módulo 2 do MOOC sobre informações e eleições na era digital. Este curso é organizado pelo Centro Knight para o Jornalismo nas Américas com o apoio da UNESCO e do PNUD. Olá e bem-vindo(a) de volta. Meu nome é Albertina Piterbarg e sou especialista eleitoral na UNESCO e a instrutora principal deste curso. Hoje começaremos a analisar o que desinformação, misinformation, malinformation e discurso de ódio são, como e por que impactam tanto nas eleições e o que podemos fazer a respeito. Começaremos hoje a analisar isso. Portanto, durante o segundo módulo, examinaremos por que não devemos usar o termo "fake news" e as principais características de desinformação, misinformation e malinformation. Também daremos uma olhada nos motivadores humanos por trás da conduta enganosa e examinaremos o discurso de ódio e seu impacto nos processos eleitorais. Finalmente, falaremos sobre o Plano de Ação de Rabat sobre violência eleitoral, violência eleitoral baseada em gênero e violência contra jornalistas. Então, vamos começar por algumas definições. Todos nós em algum momento de nossas vidas usamos o termo "fake news" para se referir a informações falsas apresentadas como notícias reais. Também usamos o termo "fake news" quando consideramos que alguma informação que está circulando na mídia é enganosa de propósito. Mas por quê a terminologia de "fake news" é muito popular? Na UNESCO evitamos usá-la. Por quê? A palavra "notícia" significa informação verdadeira de interesse público, um relato confiável da atividade humana que é relevante para a comunidade. O Conselho do Fórum de Editores no Congresso Mundial de Mídia de Notícias em Cartagena em 2017 aprovaram cinco princípios para o jornalismo profissional para ajudar a entender melhor o conceito de notícias em geral. Portanto, as notícias têm credibilidade, independência, precisão, ética profissional, transparência e pluralismo como valores críticos que sustentam a confiança entre jornalistas e o público. Notícias devem ser verificadas. Elas são diferentes de outros conteúdos porque essas são informações que devem ser checadas e devem servir à sociedade. Isso significa que existe uma ligação direta entre a qualidade da informação e a missão do jornalismo dentro das democracias. Além disso, as notícias empoderam o público. O jornalismo permite não só ser informado, mas também incentiva a análise e o pensamento crítico, capacitando, portanto, o público a tomar decisões. Como, por exemplo, em decisões relacionadas a eleições. As notícias devem ser movidas pela confiança. Sem confiança, não há notícias. Informações que não atendem a todos esses padrões não devem ser rotuladas como notícias no sentido de que notícias falsas são um oxímoro. Isso significa um grupo de palavras auto-contraditório, que prejudica a credibilidade da informação verificável, a própria essência das notícias. Muitos atores envolvidos em processos eleitorais abusam da terminologia "fake news" e a usam para prejudicar a reputação e credibilidade de políticos, autoridades eleitorais, jornalistas, meios de comunicação, instituições democráticas prejudiciais em geral e processos eleitorais em particular. Na UNESCO dividimos a ideia geral por trás das "fake news" em três conceitos cruciais: desinformação, misinformation e malinformation. Desinformação, são informações falsas que foram criadas com o propósito de prejudicar uma pessoa, um grupo social, uma organização ou mesmo um país. A misinformation é uma informação falsa, mas que não foi criada com a intenção de causar danos necessariamente. E malinformation são informações baseadas na verdade ou em fatos reais ou questões reais, mas que são usadas para infligir danos a uma pessoa, grupo social, organização ou também a um país. Então, passamos da falsidade à intenção de prejudicar. A desinformação pode criar alguns problemas, mas de forma intencional. Embora a desinformação e a malinformation possam até ser notícias fabricadas, informações fabricadas sobre um conteúdo. E malinformation pode até ser conteúdo real, mas é usado contra alguém ou um país como, por exemplo, em vingança e

é um exemplo disso. Então, como mencionamos no módulo 1, a inteligência artificial pode beneficiar instituições democráticas mas os algoritmos também podem espalhar desinformação, misinformation e malinformation, infligindo danos à reputação às partes interessadas eleitorais, como órgãos eleitorais, mulheres candidatas ou jornalistas prejudicando as democracias em todo o mundo. Rumores, propaganda e conteúdo fabricado existem desde o início dos tempos, mas as novas tecnologias alcançaram um efeito nunca visto antes. A acessibilidade das tecnologias sociais e de trabalho, há escopo e precisão, uma verdadeira virada de jogo. E são como a desinformação, a misinformation e malinformation podem ser transmitidas. Como resultado, os cidadãos lutam para discernir o que é verdadeiro do que é falso. Visões extremas, teorias da conspiração e populismo florescem, e uma vez aceitas, as instituições são questionadas. Já vimos isso durante a pandemia de COVID 19. Dessa forma, a disseminação da desinformação tornou-se um desafio crítico para as instituições democráticas, e respostas, medidas e soluções são urgentemente necessárias. Mas encontrar algumas soluções e formas eficazes de controlar a disseminação da desinformação, misinformation e malinformation ao longo do ciclo eleitoral. Existem alguns elementos-chave dessa dinâmica que precisamos entender primeiro. Nos bastidores deste fenômeno, temos os agentes, as mensagens e os intérpretes. Os agentes são os atores que criam, produzem e distribuem conteúdo falso e enganoso. As mensagens são o conteúdo que está sendo espalhado. Precisamos entender a durabilidade, a precisão, a legalidade e se esse conteúdo está se passando por uma fonte eficiente ou quais são seus alvos pretendidos. E também os intérpretes, esse elemento se concentra em como aqueles que acessam esses conteúdos são impactados e nas ações que eles podem tomar, se houver. Em 2020, a Comissão de Banda Larga acrescentou dois elementos adicionais a esse quadro: os instigadores e intermediários. Os instigadores são atores que estão na origem da criação e distribuição de desinformação, misinformation, malinformation e até o discurso de ódio, que muitas vezes pagam ou investem recursos em criando isso. Os intermediários estão a serviço dos instigadores. São eles que distribuem ou operacionalizam esses conteúdos ou até fabricam seus conteúdos. Portanto, esses dois elementos são complementares aos três elementos anteriores que vimos no último slide. Voltando um pouco. Assim estão o agente, a mensagem e o intérprete, e eles se agregam aos instigadores e intermediários, mas também precisamos adicionar análises contextuais complementares, porque precisamos entender cada situação particular e precisamos de indicadores e parâmetros como políticos, geográficos, educacionais, culturais e sociodemográficos bons para entender melhor como todos esses elementos operam. Para, é claro, buscar as estratégias e soluções. Mas por quê? Por quê a desinformação e misinformation e malinformation são tão facilmente espalhadas? Qual é o fator humano por trás disso? A resposta, de acordo com a pesquisa, é bem simples. Gostamos e queremos ser aceitos. Queremos estar certos. Queremos fazer parte de nossas comunidades. Queremos fazer parte de nossas tribos, grupos e sociedades. Somos humanos e precisamos da sociedade. E os pesquisadores descobriram que tanto o conteúdo emotivo quanto o conteúdo emocional e o conteúdo compartilhado por um amigo, membro da família ou colega têm maior probabilidade de serem redistribuídos nas mídias sociais do que o conteúdo proveniente de uma fonte desconhecida. Como resultado, criamos redes de confiança onde a distribuição de conteúdo impreciso, falso, malicioso e propagandístico disfarçado de notícia encontrou maior tração, através do que chamamos de conteúdo viral. O conteúdo é compartilhado em tempo real entre amigos, colegas, familiares, colegas, nossas redes, às vezes sem pensar duas vezes. E esse é um problema que às vezes vazamos sem pensar. Também temos a tendência de ser mais impactados com o conteúdo emocional, como o drama, escândalo, tragédia e fofoca são muito atraentes para os seres humanos, e os especialistas em clickbait sabem disso muito bem. Clickbait é uma armadilha, é um conteúdo que gera interesse por meio da manipulação emocional

e faz com que as pessoas interajam curtindo, compartilhando e comentando sobre isso. Como mencionamos antes, nós, seres humanos, preferimos nos conectar com aqueles com quem compartilhamos perspectivas comuns. Sem perceber isso, passamos muito tempo no que chamamos de câmaras de eco. Isso significa espaços online seguros onde interagimos apenas com outros usuários ou pessoas que compartilham nossas ideias e crenças. E as empresas e plataformas de mídia social querem que seus usuários permaneçam conectados às suas plataformas, e isso maximiza seu valor como máquinas de marketing. Por esse motivo, as empresas de mídia social usam algoritmos para mostrar aos usuários o conteúdo com base em suas preferências e comportamentos online anteriores. Essas técnicas orientadas por inteligência artificial são chamadas de bolhas de filtro e mantêm os usuários de mídia social fechados em suas câmaras de eco, consumindo conteúdo que valida suas próprias visões. E, claro, reduzindo o acesso a diferentes pontos de vista. Compreender esse conceito é particularmente relevante para os processos eleitorais quando as câmaras de eco políticas podem se multiplicar exponencialmente. Então, agora vamos dar uma pausa para o café. E depois da pausa para o café, daremos uma olhada nos tópicos de discurso de ódio e violência eleitoral. Então te vejo em cinco minutos. Bem-vindo de volta. Vamos dar uma olhada no conceito de discurso de ódio. Tenho certeza que você já ouviu falar sobre discurso de ódio, mas há uma coisa muito complicada, uma coisa é ouvir sobre discurso de ódio e outra é ter uma definição única. É tão problemático que, mesmo que não haja uma definição e, claro, saibamos que não existe uma, apenas uma definição de discurso de ódio. A estratégia da ONU e plano de ação sobre discurso de ódio refere-se à definição de trabalho, à sua definição de trabalho como qualquer tipo de comunicação, discurso, escrita ou comportamento que ataca ou usa linguagem pejorativa ou discriminatória com referência a uma pessoa ou grupo com base em quem eles são. Em outras palavras, com base em sua religião, etnia, nacionalidade, raça, cor ou cultura, gênero ou qualquer outro evento ou fatores de identidade. Diferentes formas de discurso de ódio podem incluir bode expiatório, estereótipos, estigmatização e o uso da linguagem depreciativa. Isso geralmente é usado na promulgação de teorias da conspiração, desinformação e negação e/ou distorção de eventos históricos, como genocídio. No marco jurídico e político internacional, temos o Artigo 20 do Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos que afirma que qualquer propaganda de guerra será proibida por lei. E também que qualquer defesa do ódio nacional, racial ou religioso que contribua para incitação à discriminação, hostilidade ou violência também deve ser proibido por lei. O Plano de Ação de Rabat foi uma iniciativa do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos e que organizou várias oficinas multissetoriais que resultaram no desenvolvimento do Plano de Ação de Rabat sobre a proibição do ódio nacional, racial ou religioso que contribuam para o incitamento ao que constitui incitação à discriminação, hostilidade ou violência. O Plano de Ação de Rabat também contém testes de limites e recomendações extremamente relevantes para as mídias sociais e muitos outros aspectos dos meios digitais, e, claro, a relevância dos processos eleitorais. Desinformação, misinformation, malinformation e discurso de ódio podem ter uma ligação direta com a violência eleitoral. Mas o que é violência eleitoral? Como sabemos, as eleições são um dos principais pilares da democracia. No entanto, as eleições também podem desencadear violência online e offline. Na maioria dos casos, o conflito relacionado às eleições tem efeitos devastadores na governança e no desenvolvimento. Mas as eleições criam violência por si só. Em vez disso, os resultados de conflito são frequentemente encontrados em questões econômicas, sociais ou políticas profundamente enraizadas em disputa e na alocação de poder entre várias forças sociais afetadas pelo processo eleitoral. A violência eleitoral pode incluir violência física e psicológica contra candidatos, membros de um partido político, apoiadores, jornalistas e outras partes interessadas relacionadas, como ONGs ou mesmo membros da família dos candidatos políticos. Também desencadeiam confrontos

entre grupos rivais de apoiadores e ameaças, coerção e intimidação de candidatos, particularmente mulheres candidatas, mas também eleitores, funcionários eleitorais ou mesmo forças de segurança. A violência eleitoral também pode ter como alvo a infraestrutura, como centros de registro eleitoral, centros de votação e a destruição de material sensível, como de papéis e livros de valor. Para isso, precisamos adicionar o impacto de todas as campanhas de discurso de ódio e desinformação, bem como o uso de mídias sociais para coordenar ataques online e offline. Existem cinco características específicas da violência eleitoral. A violência eleitoral é empregada para alcançar um objetivo político. Ele também tem uma ampla gama de manifestações, como interrupções no processo de votação, intimidação coercitiva e ameaças de danos físicos, psicológicos ou mesmo sexuais contra eleitores, apoiadores políticos, candidatos, funcionários de votação política, etc.. A violência eleitoral pode ocorrer durante qualquer fase do ciclo eleitoral, desde o registro eleitoral até a campanha política, durante o dia da votação, no anúncio dos resultados oficiais e a formação do novo governo. A violência eleitoral não é neutra em termos de gênero ou cega em termos de gênero e afeta as mulheres de uma maneira muito particular. Então, vamos ver um pouco sobre violência eleitoral baseada em gênero. A violência de gênero continua sendo um dos obstáculos mais sérios para a realização dos direitos políticos das mulheres. Hoje, vocês podem ver mulheres totalmente excluídas de processos eleitorais quando podem haver ataques à sua reputação pessoal, bem como a preocupação de impedi-las de participar da política. A violência psicológica inclui a humilhação sistemática, sarcasmo e críticas de desaprovação, exclusão e discriminação. Juntamente com ameaças de violência física e sexual, essas formas de violência degradam e desmoralizam as mulheres que são alvos. As mulheres que são claramente vítimas dessa violência. Abuso online contra as mulheres contribuem para criar um ambiente eleitoral hostil com o objetivo de envergonhar e degradar as mulheres. Nem todas as formas de crimes, nem todas as formas de violência são crimes ou são encenadas como crimes mas todos eles têm impacto nos direitos políticos e nos direitos humanos das mulheres. A violência contra jornalistas é outro problema que tem aumentado tanto online quanto offline neste novo ambiente digital e sob a influência da inteligência artificial. Como já vimos neste módulo e no anterior. O jornalismo é fundamental durante um processo eleitoral. Ele permite que eleitores e cidadãos façam escolhas livres e votem ou não, sabendo o que estão fazendo. Os ataques contra jornalistas e trabalhadores da mídia, incluindo fotógrafos e jornalistas cidadãos, aumentaram na última década. E a impunidade em relação a esses crimes continua impactando as instituições democráticas e, claro, nos processos eleitorais. Existem diferentes formas de violência contra jornalistas, por censura ou negação de acesso à conectividade com a Internet ou aplicativos, invasão de privacidade por meio de hacking ou vigilância online, e por bullying, assédio e ataques diretos. Uma tendência preocupante é que alguns governos estão usando leis para justificar a censura online desproporcional e a vigilância de jornalistas. A UNESCO desempenha um papel de liderança nos esforços para promover a segurança dos jornalistas, tanto online quanto offline, e inclusive por meio da coordenação do Plano da ONU de Ação para a segurança dos jornalistas e a questão da impunidade. Esta iniciativa é a primeira sistemática da ONU com um plano amplo que visa criar um ambiente livre e seguro para jornalistas e trabalhadores da mídia, tanto em situações de conflito quanto em situações de não conflito, assim como situações eleitorais para fortalecer a paz, a democracia e o desenvolvimento. O Plano de Ação das Nações Unidas sobre a Segurança do Jornalistas inclui o estabelecimento de disposições gerais de segurança para jornalistas, incluindo, mas não se limitando a, cursos de treinamento de segurança e processos eleitorais, o desenvolvimento de mecanismos acessíveis de resposta a emergências em tempo real para grupos e organizações de mídia, incluindo contato e envolvendo os recursos nacionais e comunitários disponíveis para trabalhar em conjunto com órgãos de gestão

eleitoral e forças de segurança em protocolos para a proteção e segurança de jornalistas que cobrem eleições, e no fortalecimento das disposições para a segurança dos jornalistas em conflito zonas, por exemplo, incentivando a criação de cooperativas de corredores de mídia. Vamos ver uma breve recapitulação do que vimos juntos hoje. No módulo dois aprendemos por que não devemos usar o termo "fake news", as definições de desinformação, misinformation e malinformation, os diferentes elementos-chave dessas dinâmicas, os motivadores humanos por trás de conteúdo enganoso. E também analisamos o que é discurso de ódio e seu impacto nos processos eleitorais. Analisamos o Plano de Ação de Rabat e também examinamos a violência eleitoral e a violência eleitoral relacionada a gênero, bem como a violência contra jornalistas e seu impacto nos processos eleitorais. No Modelo três, abordaremos as diferentes estratégias e técnicas para espalhar a desinformação e quem são os principais alvos da desinformação dentro do ciclo eleitoral e como isso pode afetá-los. Começaremos a examinar diferentes maneiras de lidar com a desinformação, misinformation e malinformation, bem como o discurso de ódio ao longo de todo o ciclo eleitoral. Mas, para isso, abordaremos primeiro a relevância do calendário eleitoral e do planejamento operacional eleitoral. Muito obrigada por estar aqui hoje e espero vê-lo na próxima semana. Adeus.